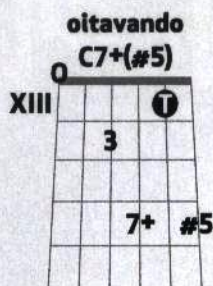
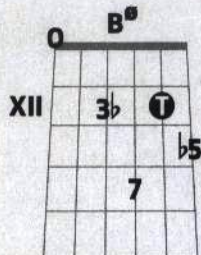
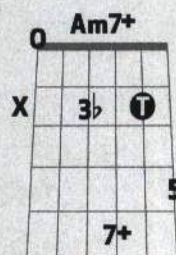
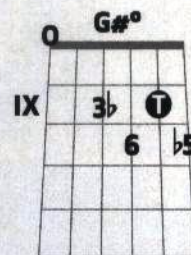
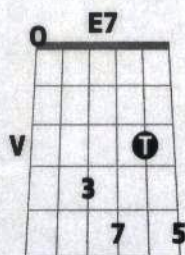
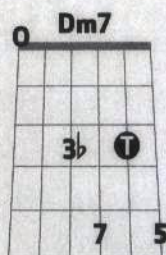
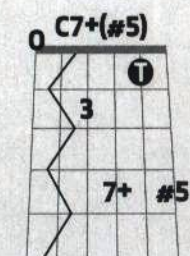
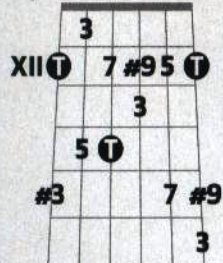
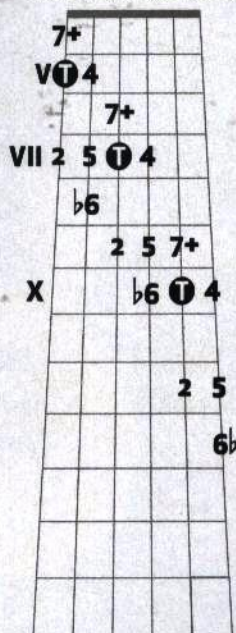
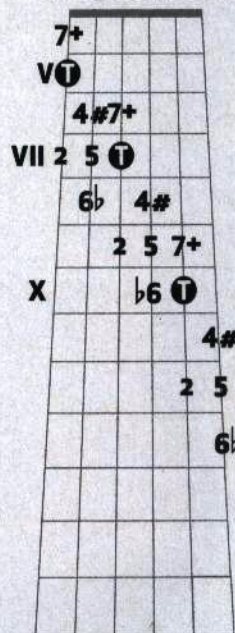
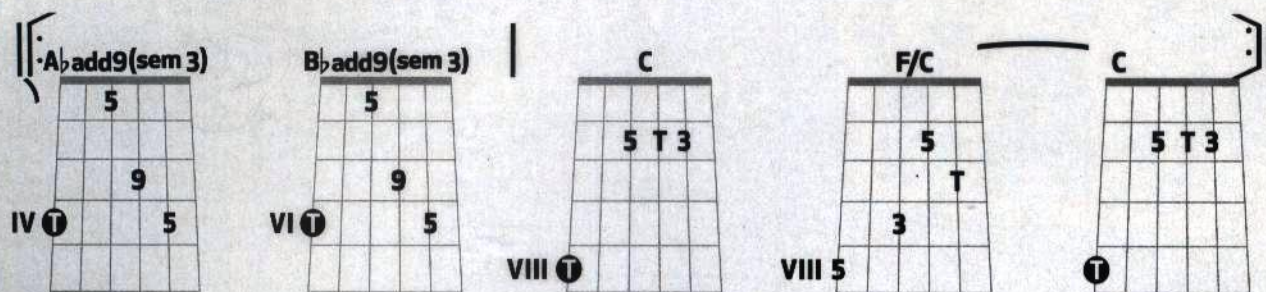
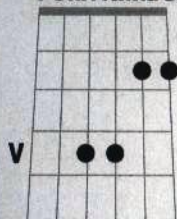
Ex. 3 **Execute os acordes do campo de A menor harmônico com o baixo pedal *E*.**

Am7+, B°, C7+(#5), Dm7, E7, F7+, G#°

Agora, experimente essas sonoridades:

penta E7 domdim

3
XII 7 #9 5
3
5
#3 7 #9
3

Essa pentatônica pode ser utilizada em terças menores.

Observação: você pode também utilizar os arpejos (1 a 8) do Ex. 1.

Ex. 5 **Ex. 5 – Polirritmia na guitarra 2**
Base harmônica sugerida – guitarra 1

Guitarra 2 executando a sequência abaixo.

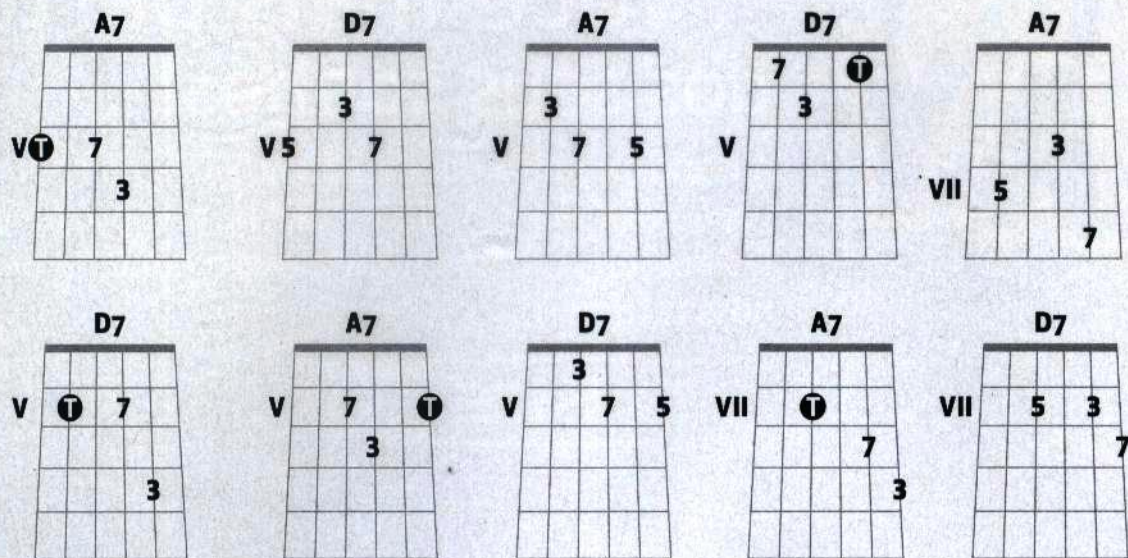
5 em semicolcheias

7 em semicolcheias

9 em semicolcheias

Observação: fazer e, f e g em tercinas

Observação:
- e), f) e g) – não são quiálteras
- Esse exercício mostra como nós, guitarristas, somos limitados ritmicamente. Uma vida inteira tocando as mesmas células rítmicas.
- O baterista de sua banda vai gostar.

Ex. 4 **Acordes "clean" A7 e D7**
Os acordes são T-3-7 ou 5-3-7

Condução com A7 clean-walking bass

Agora, faça para *Am7*, *A7+*, *Aø* etc., lembrando que:
***Am7* é T-3*b*-7 ou 5-3*b*-7**
***A7+* é T-3-7+ ou 5-3-7+**
***Aø* é T-3*b*-7 ou 5*b*-3*b*-7**

Mozart Mello

Mestre dos Mestres

HENRIQUE INGLEZ DE SOUZA

Se existe um guitarrista que pode ser considerado um desbravador, esse é Mozart Mello. Músico ímpar, ele ajudou a tornar o ensino de guitarra no Brasil algo sério, organizado e profissional. Sua imagem é o retrato fiel de quem teve de arregaçar as mangas e criar meios para proporcionar uma formação sólida a novos músicos.

Se pararmos por um instante, notaremos que o termo *mestre* pode ter mais de um sentido. Por exemplo, mestre da guitarra, ou seja, aquele que toca como ninguém, único, como Jimi Hendrix, Eric Clapton e Eddie Van Halen. Ou, então, pode ser mestre em relação ao ensino do ofício, aquele que aproxima o sonho da realidade de tocar um instrumento musical.

Partindo da segunda interpretação, não existe ninguém melhor do que Mozart Mello para falar sobre o assunto. Ele começou sua jornada como professor de guitarra há 34 anos, numa época em que os recursos pedagógicos eram escassos. Sem contar que havia carência de metodologia e materiais. Por conta disso, foram necessários pesquisa, empenho e criatividade para tornar o aprendizado proveitoso.

"Posso tocar hoje uma peça erudita e, na semana que vem, fazer um cover do Sepultura sem que haja problema algum", afirma Mozart Mello sobre as vantagens de ser professor de guitarra.

Com talento, Mozart Mello acabou desenvolvendo uma linha própria de abordagem. Ao longo dos anos, ganhou respeito e se consagrou como uma referência, principalmente em harmonia. Não é exagero chamá-lo de mestre dos mestres, já que ensinou alguns de nossos principais expoentes da guitarra – Juninho Afram, Kiko Loureiro, Edu Ardanuy, entre outros.

Hoje, sua carreira está praticamente focada no ensino, mas houve tempos em que também avançou como músico profissional. Chegou a tocar em grupos variados, alguns deles emblemáticos. É o caso do D'Alma, lendário trio de violões que integrou ao lado de Ulisses Rocha e André Geraissati.

Aliás, seria até injusto creditar Mozart Mello como pioneiro apenas no ensino de guitarra no Brasil, já que ele também contribuiu para abrir caminho aos grupos de música instrumental quando esteve no D'Alma – o disco homônimo, lançado em 1983, marcou época e serve como ótimo exemplo de sua força criativa.

Se juntarmos a bagagem como músico profissional e os largos anos de pesquisa e atuação didática, chegaremos perto de compreender a origem do estilo marcante e influente de Mozart Mello. Não por acaso, em 1998, ele foi eleito um dos dez melhores do Brasil por *Guitar Player*, a partir do voto de guitarristas e violonistas.

De lá para cá, muita coisa mudou – tecnologias, mercado e indústria fonográfica. Os músicos estão tendo de se adequar à nova realidade, ainda indefinida por conta da internet e a revolução digital. Esse panorama implica vantagens e desvantagens a todos, seja qual for a área de atuação. No caso do ensino, levou profissionais a buscarem suportes diversificados e de acordo com o imediatismo que estamos vivenciando.

E não é que Mozart Mello nos dá uma aula de versatilidade outra vez? Vem ampliando seu leque de opções, capaz de oferecer produtos e serviços conforme a vigente demanda do mercado musical. Na entrevista a seguir, o guitarrista mostra um panorama do ensino de guitarra no país, além de contar sobre sua carreira e novos projetos.

Quais eram os recursos disponíveis quando você começou a tocar?

Minha geração não tinha absolutamente nada para aprender a tocar guitarra, nem mesmo para adquirir instrumentos. Sou de uma época em que até para comprar uma palheta era difícil. Parece ridículo, mas é verdade. A guitarra praticamente não tinha espaço e as formas de aprender consistiam em tirar músicas de discos, sem teoria al-

FOTO: VANESSA SAAD

guma, ou observar guitarristas de bandas de baile tocarem. Adaptávamos muita coisa da cultura do violão.

Quais foram algumas de se suas referências?

Em 1967, eu tocava na TV Bandeirantes, num programa que imitava a Jovem Guarda chamado *Mini Guarda*. Fazíamos cover de bandas como Beatles, Rolling Stones e Guess Who. Até então, tocar guitarra com os amigos da Pompéia e Sumaré [bairros de São Paulo] era apenas curtição. Nossas referências musicais eram The Ventures e Sérgio Dias, dos Mutantes – que ainda é um ídolo para mim. O Made In Brazil também já era um referencial muito forte. Entre 1967 e 69, o lance da música era efervescente.

Que guitarra você tinha nessa época?

Usava guitarras Begher, que eram feitas na rua Capote Valente, em São Paulo.

O que te fez querer ser músico?

Um ponto importante para mim foram os Beatles, aliás, a beatlemania. Muitos não fazem ideia do que era a beatlemania. Éramos fanáticos mesmo, de ir ao cinema e assistir a todas as sessões de um filme dos Beatles. Tentava me vestir igual, comprar uma guitarra parecida. Algo assim na adolescência acaba sendo muito marcante. Mas eu não imaginava que me tornaria músico profissional. Foi algo acidental, sem planejar.

Uma de suas primeiras bandas foi a Fush. O que representou para você?

Foi com o Fush que peguei gosto por Grand Funk Railroad, Bloodrock, Led Zeppelin... Deep Purple e Led Zeppelin foram infernais! Quando conhecemos essas bandas, ficamos loucos. Se hoje em dia o disco *Led Zeppelin* já assusta, imagine naquela época, quando foi lançado. Tinha aquelas texturas maravilhosas de afinações diferentes e uma concepção de som que ainda é uma porrada. Com o Fush, fazíamos bailes e domingueiras, que abríamos tocando Jimi Hendrix e continuávamos com músicas de outras bandas de rock. Quando falo que o repertório era esse, ninguém acredita, mas é verdade [*risos*].

Quando sua carreira como músico começou para valer?

Foi por volta de 1978. Eu trabalhava com engenharia e fiquei desempregado. Um dia, vi uma placa anunciando que precisavam de professor de música em um conservatório. Resolvi ir atrás e acabei conseguindo o emprego. Depois, liguei para outro conservatório e consegui arranjar mais aulas. O início da minha carreira aconteceu de maneira acidental. Foi por necessidade – essa palavra simplifica tudo.

Em que bandas já atuou como profissional?

Tive de me tornar músico profissional quando entrei no Joelho de Porco, já que era preciso me dedicar à banda, que estava numa grande gravadora [Som Livre] e aparecia na TV Globo. A partir de então, não parei mais. Aliás, há uma curiosidade: quando o Wander Taffo saiu do Joelho de Porco para tocar no Secos & Molhados, entrei em seu lugar. Depois, ele saiu do Secos & Molhados para tocar com a Rita Lee e eu o substituí no Secos & Molhados. Acabei fazendo muito coisa no vácuo do Wander Taffo, que generosamente me passava os trabalhos. Éramos amigos de infância.

Com quem gravou e quais discos foram marcantes?

Gravei com Joelho de Porco, Secos & Molhados (sem o Ney Matogrosso), João Ricardo, Eduardo Araújo e Sylvinha. Há um disco do João Ricardo em que fiz todos os

Toques Do Mestre

EVOLUIR

"Um dia, você terá a minha idade, 55 anos, e o que estará tocando? Será que vai querer tocar tanta nota numa música sem harmonia e com pouca criatividade? Sempre digo que você não precisa evoluir musicalmente. Você tem de simplesmente evoluir, e só".

META NA MÚSICA

"A meta não é 'fritar' na guitarra, mas fazer algo com o qual se sinta bem e que vise o próximo. Trabalhar para os outros faz parte dos deveres da pessoa que trabalha com arte. É sempre bom refletir um pouco sobre isso".

DESAFIO

"O desafio do professor é motivar o aluno a estudar o que ele precisa, usando recursos como dar pequenas tarefas que o façam começar a pegar gosto por um tema que possa não interessá-lo".

OUVIR-SE

"É importante se gravar porque mostrará como está sua performance. Há quem ache que toca bem, mas, depois que se ouve, percebe que ainda deve praticar muito. Eu me gravo direto".

SER PROFISSIONAL

"O guitarrista deve saber tocar todos os estilos, conhecer softwares, aprender inglês e, talvez, espanhol. Para ser músico, é preciso ser um cidadão do mundo, saber de estúdio, produção e internet. Quem pretende sobreviver de música tem de lidar com profissionalismo".

"O Mozart é o melhor e mais completo guitarrista, educador, conselheiro e orientador que o mundo da guitarra tem. Tive aulas com ele por mais de cinco anos e devo muito do que sou como músico aos seus ensinamentos. Ele formou toda uma geração, diretamente (como no meu caso) ou indiretamente (com suas apostilas). A história da guitarra brasileira seria diferente – mais pobre; menos estudiosa e pesquisadora – se o Mozart não tivesse a generosidade imensurável de nos passar seu conhecimento"

KIKO LOUREIRO

Mozart Mello (primeiro à esquerda) com o Joelho de Porco, em foto publicada na revista *Manchete*, em 1978.
Ao lado, na capa da revista *Violão & Guitarra*.

"Usei bastante os métodos do Mozart e passei a destrinchá-los. A principal característica em sua forma de ensinar é a lógica matemática. Ele ensina harmonia de forma muito simples e objetiva. Sempre utilizo harmonia baseando-me no modo como ele pensa. É o mestre"
EDU ARDANUY

arranjos e guitarras. Eu havia escrito alguns arranjos para um quarteto de cordas que acabou não podendo gravar. Tive de fazer as partes de orquestra com a guitarra, uma Les Paul. Tudo muito rústico, mas era interessante para a época. Foi um grande desafio.

O que ainda dificulta a vida de um músico profissional?

Nós, músicos, não temos um projeto, simplesmente sobrevivemos de música. Não é como uma profissão considerada convencional, em que a pessoa faz faculdade, estágio e pós-graduação. Ou seja, ela conse-

FOTO: EDU ARDANUY - INGRID MOGHRABI

gue planejar e as coisas vão acontecendo aos poucos. Na carreira de músico, não dá para fazer esse tipo de projeto, já que o retorno depende da estratégia do músico e da sorte de estar no lugar certo na hora certa. Nesse ponto, considero-me um privilegiado, pois tive a sorte de não haver muitos professores de guitarra na época em que comecei a dar aulas. Cheguei a ter fila de espera com cerca de 400 pessoas querendo aulas.

Como assim?

Foi no início dos anos 1980. Eu dava aulas de domingo a domingo. Para se ter uma ideia, transformei minha casa numa miniescola. A procura por aulas era muito intensa. Eu ensinava de tudo, de funk a Yes ou algum som de Yngwie Malmsteen. Tive de ser eclético por necessidade. Foi uma década de muita percepção musical para mim, pois tinha de tirar de tudo para os alunos.

Você começou no rock e depois expandiu seu vocabulário musical para estilos como fusion e música brasileira. Como se deu esse percurso?

Logo depois de Led Zeppelin e Deep Purple, houve outro tipo de impacto, cujas referências eram Mahavishnu Orchestra e John McLaughlin. Foi a partir de então que começaram a aparecer guitarristas tocando som pesado com estruturas harmônicas e melódicas complexas. Isso passou a interessar bastante a mim e a guitarristas de minha geração, como o Faiska. Prestávamos muita atenção nessas coisas. Com o pé no rock, mas abrindo a cabeça para outras possibilidades. A música brasileira também aconteceu forte para mim, até por necessidade, pois tinha de dar aula. Estudei harmonia para entender um pouco do que era a bossa nova. Você tem de ser o mais eclético possível, senão não sobrevive.

Conte sobre seus anos no Grupo D'Alma (1983 a 1987).

O D'Alma veio como um presente para mim. Deu-me uma visibilidade que gerou bastante trabalho. Tocávamos em diversos teatros do Brasil, fazíamos turnê internacional, programas de TV – tocamos até no programa da apresentadora Hebe Camargo. Participar de festivais nacionais e internacionais foi impressionante para mim – a experiência de estar no Canadá abrindo um show do Stanley Jordan, um ídolo para mim, ou então ter Joe Pass tocando antes de nos apresentarmos. Fizemos coisas importantes para a música brasileira. Era um grupo instrumental ocupando espaço junto com grandes nomes. Agradeço muito por ter passado pelo D'Alma, foi muito marcante.

Por que você deixou o grupo?

Como Estudar

A seguir, Mozart Mello oferece dicas importantes e práticas sobre alguns dos principais temas na música. Antes, porém, ele alerta: "A educação trabalha com três palavras: objetivo, conteúdo e metodologia. Se os resultados das dicas não aparecerem, é porque o aluno errou em um desses três pontos". Então, vamos lá!

IMPROVISAÇÃO

"O primeiro passo é definir um estilo e, depois, partir para a captação do material, que deve ser diversificado e sem radicalismo. Por exemplo, para improvisar sobre blues, você deve ter um repertório razoável. Material estrutural necessário: conduções harmônicas, frases básicas do estilo, elementos de técnica ou de interpretação, levadas, aspectos e influências regionais e culturais (incluindo as letras, já que, se não souber letra de blues, não entenderá o que está tocando), além de áudios e vídeos para não correr o risco de tocar e interpretar errado os temas – transcrições não são suficientes. Numa primeira fase, treine com áudio, mas, a partir de certo momento, será imprescindível tocar com outros músicos. A troca de informação e diálogo é o principal na improvisação. Por último, comece a montar sua lista de repertório da forma mais eclética possível".

TÉCNICA

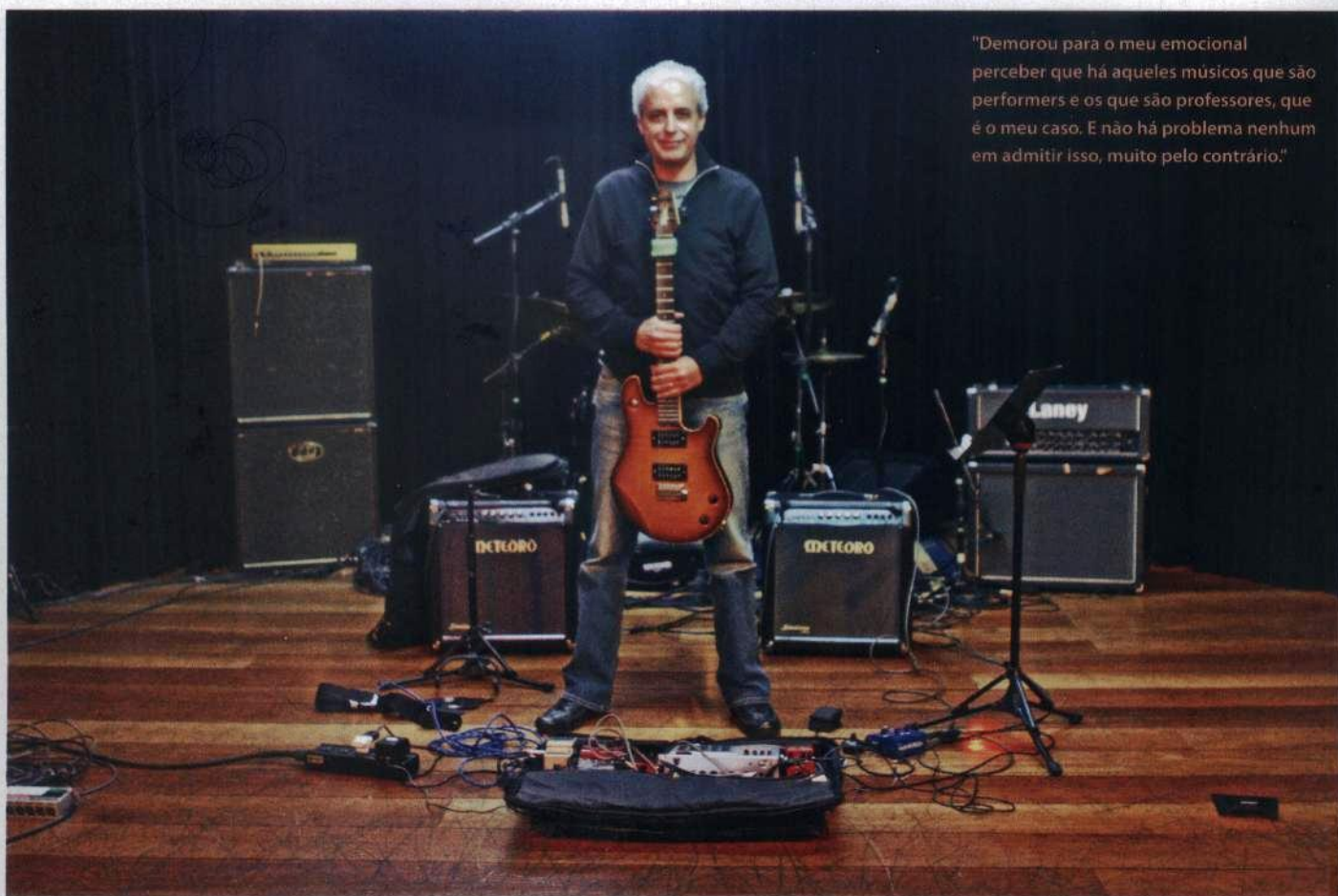
"Tenha objetivos ousados e estabeleça uma cronologia para medir sua evolução. Por exemplo, faça uma gravação ao final de cada quinzena. Se você quer apenas 'voar' sobre escalas, arpejos, hammer-ons, sweeps etc. (ou seja, música em segundo plano), fica muito mais fácil. Basta aquele montão de padrões e malabarismos, uma tabela para monitorar e metrônomo – uma observação importante: se você quer tocar blues, MPB, bossa nova ou jazz, essa estratégia não dará certo. Uma técnica consistente deve ser equilibrada, sempre a serviço da música, e nunca o objetivo em si. Pense em duas palavras quando estiver estudando técnica: fluência e interpretação. Tudo deve ser muito musical – acordes, fraseados e elementos de interpretação (bends, slides, vibratos, saltos, aproximações cromáticas). Grave o resultado final dos estudos (a música) e seja muito autocrítico. Reflita: existe luz em sua música?"

HARMONIA

"São quatro linhas de trabalho:

1) Estudo de acordes por estilo. Pratique acordes em todas as regiões e suas inversões, escalas ou modos harmonizados. Aprenda acordes característicos de cada estilo e suas levadas.
2) Teoria aplicada e compreensão dessa matemática musical. Estude as ferramentas fundamentais, como campos harmônicos, suas dilatações, cadências, progressões e principais características de cada estilo.
3) Percepção auditiva: aprender a ouvir os dois itens anteriores e tirar muitas músicas para afinar a sua percepção musical.
4) Repertório relativamente grande, arranjos e releituras de músicas. Compor sem compromisso, sem preconceito e sem preocupação com resultados".

LEITURA E PERCEPÇÃO

"Separe uma carga horária semanal só para isso e não faça outra coisa nesse horário. Ler partituras, peças, o *Real Book*, transcrições, estudos, enfim, repertório em geral. Para escrita, tire uma música e escreva sem compromisso – transcreva solos, por exemplo. Para percepção, no caso de guitarristas, aconselho priorizar o item anterior. Tirar e escrever músicas até não depender mais ou precisar de auxílio do instrumento. Ouvir e escrever música somente com uma nota referencial, sem instrumento algum".

"Demorou para o meu emocional perceber que há aqueles músicos que são performers e os que são professores, que é o meu caso. E não há problema nenhum em admitir isso, muito pelo contrário."

Não foi nada pessoal, mas um desgaste natural. No final, eu já estava louco para tocar guitarra. Houve até show em que usei minha seis-cordas.

O que aconteceu depois?

Minha carreira como guitarrista-solo começou em 1988. Eu viajava muito para fazer shows e workshops. Tocava bastante nessa época e havia muito espaço para música instrumental. Meu lado professor e o guitarrista começaram a andar juntos. Entretanto, o lado professor acabou "engolindo" o lado músico, e isso era algo que me incomodava, mas não incomoda mais.

Por que é bom ser professor de guitarra?

Porque posso estudar e tocar o que eu quiser, assim como mudar o estilo musical quando bem entender. Posso tocar hoje uma peça erudita e, na semana que vem, fazer um cover do Sepultura sem que haja problema algum. Numa master class, por exemplo, tocamos de tudo. É uma delícia poder ligar um drive pesado ou tocar blues, funk, uma peça indiana... Demorou para o meu emocional perceber que há aqueles músicos que são performers e os que são professores, que é o meu caso. E não há problema nenhum em admitir isso, muito pelo contrário. Sinto-me honrado por representar essa classe, que está dando duro esses anos todos e ajudando pessoas a construírem suas carreiras. Isso é prazeroso.

Fale sobre o início de sua carreira como professor.

Meu conceito de professor de música naquela época era assim: eu tinha algumas ideias, que aprendi tirando músicas de discos, e tentava escrevê-las, apesar de não haver muitos recursos. As pessoas começaram a se interessar por algum material escrito. Não havia material como hoje em dia, em que todos têm acesso a informações para estudo. Na minha época, eu não tinha a menor ideia do que eram os modos, por exemplo, e tinha de pesquisar em livros de música erudita para aprender.

Mudou muito o perfil dos alunos de guitarra?

Meus alunos nos anos 1980 e 90 não tinham internet nem Orkut. O cara estudava mesmo guitarra, e não era a quantidade que importava. Às vezes, ele se dedicava à mesma música durante uma semana inteira. Hoje, baixam a música de manhã na internet, querem tocar à tarde e no dia

"O Mozart me disse uma frase curta, mas muito forte: 'A harmonia faz a diferença num guitarrista'. Com essa dica, acabei me preocupando em interagir harmonia com técnica. Por exemplo, com um único acorde, podemos atingir vários tons diferentes, pensando harmonicamente. Quando se define um objetivo e se busca a harmonia nesse objetivo, que, no meu caso, é a técnica, o resultado fica muito mais rico"

JOE MOGHRABI

FOTOS: MOZART MELLO - PEPE BRANDÃO; JOE MOGHRABI - INGRID MOGHRABI

"Talvez o Mozart seja o grande virtuose da guitarra e do violão brasileiro. Sempre encontramos músicos geniais num estilo, mas ele é capaz de dominar todos os estilos tendo o seu próprio. Tem uma impressionante capacidade de se reinventar a cada semana, o que é algo raro. Tocar com o Mozart no D'Alma foi um período maravilhoso e um prazer incrível, pelo compositor, pelo músico e, sobretudo, pela pessoa que ele é. Um sujeito bom e que se doa, um cara maravilhoso. É o que penso, de coração"

ANDRÉ GERAISSATI

Dicas do Mozart para quem tem pouco tempo disponível para estudar

IMPROVISAÇÃO

"Estabeleça uma meta a médio prazo, por exemplo, de seis meses: improvisar sobre um campo harmônico maior ou sobre um blues ou um vamp (harmonia estática). Elementos indispensáveis: conteúdo condizente com a proposta, ouvir CDs de bons play-alongs, gravar partes com uma boa dose de autocrítica e, se possível, com o auxílio de um profissional que tenha fluência ou experiência no assunto".

TÉCNICA

"Você não tem tempo e, provavelmente, não tem paciência para estudar técnica. Então, aqui vão sugestões: um bom exercício para aquecer, exercícios sobre fundamentos do estilo que você gosta (como arpejos e escalas), tirar músicas e solos e, se possível, transcrever. Um bom desafio a cada dois meses: tocar uma música difícil – uma peça erudita ou até mesmo compor um estudo daqueles bem chatos de tocar".

HARMONIA

"Não estude teoria alguma, apenas exagere em um repertório bem eclético (rock, blues, pop, funk, MPB, choro, bossa, jazz etc.), sem preconceito. Forme um bom arquivo e, quando perceber tendência à repetição, busque coisas novas. Detalhe: harmonia e rítmica são inseparáveis".

LEITURA E PERCEPÇÃO

"Só tire músicas de partituras caso tenha conhecimento mínimo. Senão, comece com a sua alfabetização musical: solfejo falado e solfejo rítmico. É muito bom. Para percepção, a mesma coisa: tirar músicas".

seguinte já não tem mais graça. Então, o perfil do aluno mudou bastante. Não é uma crítica, mas uma constatação de que o planeta mudou.

O que você faz para estimular o aluno a imprimir emoção quando toca?

Minha aula é uma aula de matemática, ou seja, receitas que funcionam a partir de parâmetros matemáticos usados pelos músicos. Entre as disciplinas que ensino, existe uma relacionada à interpretação, que é algo que faz a diferença num músico. Recomendo que os alunos prestem atenção nos elementos de interpretação de um guitarrista de que gostem. É preciso se envolver com a música.

Como trabalha a individualidade de cada aluno?

Tenho o seguinte princípio: não vou buscar a deficiência do estudante, mas o que ele tem de melhor. Em arte, ficar apontando os pontos negativos enche o saco. Já apontar qualidades, do ponto de vista psicológico, tem uma resposta muito boa.

O que fazer para compreender seus alunos?

Você tem de fazer uma leitura emocional dele. Saber de sua cultura musical, se gosta de teatro, cinema, artes plásticas. Tudo isso faz uma grande diferença. O aluno terá um parâmetro melhor na hora de se expressar. Não acho bom ter apenas a música como parâmetro.

Como é feita essa leitura emocional?

Por exemplo, pergunto se o aluno assistiu a algum filme que o tenha emocionado recentemente. Depois, eu o desafio a tocar e transmitir alguma coisa com sua música. Por isso, o aluno precisa ter parâmetro, senão fica muito radical, naquela coisa de

"Além de mestre, o Mozart sempre foi um pesquisador de novas informações, seja de harmonia, ritmo ou melodia. Outro ponto que me ajudou muito é que todas as vezes que eu precisava de ideias ou estudos sobre qualquer assunto, ele me trazia milhões de sugestões. Quem estudou com ele sabe do que estou falando"

JUNINHO AFRAM

YouTube, guitarra, tocar rápido, tocar mais lento – isso é uma loucura!

Quando você nota que determinado aluno tem futuro promissor?

Isso é fácil e dá para perceber logo de cara. Sei quando o aluno é musical. Existem aqueles que são muito técnicos, que pegam a guitarra, tocam rápido e possuem habilidade. Porém, não são necessariamente musicais. O cara musical é aquele que, quando toca, tem um talento que imprime uma pegada diferente. Ou seja, os acordes e ideias são bonitos e você repara nos detalhes de como ele toca. Esse tipo de aluno, às vezes, não chega perto da técnica do outro, mas a pegada imprime preocupação com como cada nota soa. Não é apenas performance o tempo inteiro. Quando se consegue juntar técnica e musicalidade, surgem músicos como os nossos grandes ídolos.

Quais professores fizeram a diferença em seu aprendizado?

Tive professores marcantes no final dos anos 1970 e início dos 1980: Didi, Paulo Bellinati e Edmar Fenício – esse cara me ajudou muito. Eles foram muito honestos comigo.

Ao longo desses 34 anos como professor, que tipo de situação curiosa já aconteceu?

Tive um aluno que não tinha o menor interesse em aula e queria apenas conversar sobre seus problemas – tudo, menos música. A aula era uma espécie de terapia. Ele ficou alguns meses fazendo "terapia" e foi embora [*risos*]. Já dei aula para um deficiente visual e também para um aluno surdo e mudo. Tive de desenvolver sistemas específicos. Dar aula para um deficiente visual me fez rever todos os meus conceitos do que é música, pois as aulas eram como se eu apagasse a luz e fosse ensinar. Aliás, seria um bom parâmetro para as escolas do futuro: fazer com que o único estímulo que os alunos tenham seja o auditivo.

O que você diria a quem pretende se tornar professor de guitarra?

Num primeiro momento, é importante estudar um pouco mais, conhecer música em geral, ter uma cultura musical ampla, saber ler e tocar vários estilos – tudo para proporcionar uma prestação de serviços mais adequada. Agora, tem o lado da realidade: viver de música gera certa pressão. Claro que as pessoas farão o melhor que podem, mas, na verdade, muitos não estão preparados e a consequência disso é complicada. Não se sabe os limites da profissionalização, de quando alguém é e de quando não é profissional. O planeta está atravessando um momento em que as pessoas estão se virando como podem. Então, cabe ao estudante separar o joio do trigo.

Qual é o tipo de coisa que falta na formação de um músico?

Muitas escolas não preparam o aluno para a vida profissional. Estuda-se percepção, leitura, escrita, história da música e standards de jazz. Mas, de música brasileira, há pouquíssima informação. As escolas poderiam ter um departamento dedicado somente a esse assunto. O aluno tem de saber tocar muito bem estilos como, por exemplo, música sertaneja. E não adianta dizer que não interessa. Tem de estudar para saber fazer o trabalho.

A gama variada de produtos que você oferece faz parte do perfil atual do profissional de música?

O nível de tecnologia mudou bastante. Então, não acredito que daqui alguns anos uma pessoa saia de Porto Alegre para estudar em São Paulo, por exemplo. Não será mais necessário. O estudante vai fazer aula pelo computador. Então, começo a me planejar para isso. Estou, inclusive, reestruturando meu site para voltá-lo à prestação de serviço. É uma realidade à qual chegaremos em breve. Quando as escolas começarem a oferecer cursos consistentes online, sairão na frente.

Até que ponto é possível se planejar?

É legal notar o seguinte: tenho 55 anos e qual é a minha perspectiva? Por acaso vou montar uma banda de rock ou implantar cabelo? Não. O que quero dizer é que precisamos ter uma velhice digna. Sempre falo aos meus alunos mais jovens que comecem a administrar suas vidas desde já para que possam desenvolver seus projetos com calma e sabedoria no futuro. Não estou falando em tocar para caramba, mas sim de sobreviver de música com 60 ou 70 anos de idade.

Quais são seus novos projetos?

Pelo contexto da música instrumental e até pela minha idade, resolvi investir fortemente na parte editorial, algo que sempre quis. Tenho uma quantidade razoável de livros para publicar. No momento, estou trabalhando em quatro deles, nos quais comento folha por folha como se estivesse conversando com o leitor. Cada um virá com áudio e vídeo. Estou muito satisfeito com esse trabalho, pois deixará meu projeto pedagógico mais consistente. Será uma boa contribuição para a parte guitarrística, principalmente no que se refere a harmonia.

Quais são os seus equipamentos?

Mesmo com meu modelo signature, uso várias Tagima. Então, por incrível que pareça, não tenho uma guitarra específica. Fico revezando. Na parte de efeitos, tenho um setup bem enxuto: Boss GE-7 Graphic Equalizer, Wavebox Chorus/Flanger Mozart Mello, Wavebox W/Odd Overdrive/Distortion Joe Moghrabi, Roland GR-20 (que uso direto) e Boss RC-2 Loop Station (sem o qual não vivo – todo o meu trabalho de livros e workshop é feito com esse pedal. Podem faltar todos, menos esse). Uso cordas SG .009 ou .010. De amp, uso o que tiver, de até 50 watts.

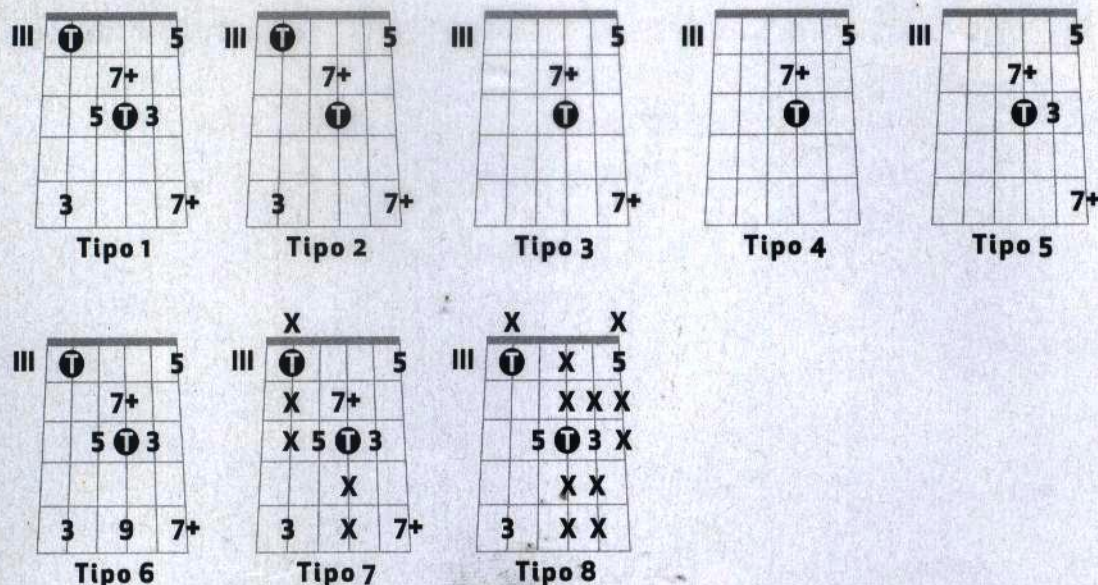
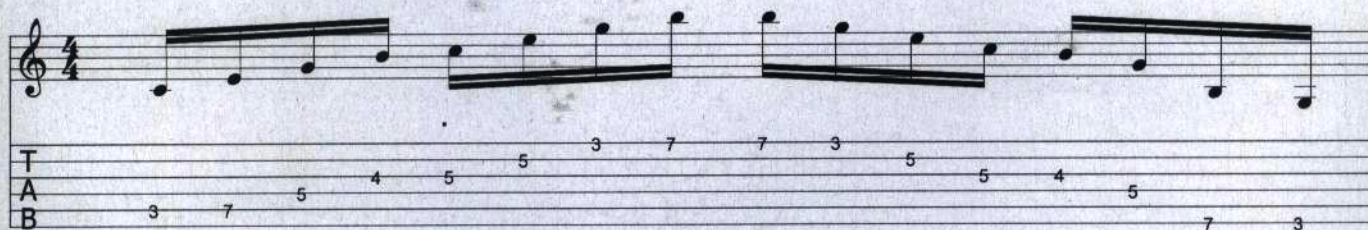
"Conheço o Mozart desde quando ele entrou no D'Alma. Naquele momento, deparei-me com um virtuose inquieto e um compositor criativo e explosivo. Ao longo dos anos, também conheci o grande mestre, formador de muitas gerações de guitarristas, um didata incansável, sempre aprendendo e ensinando, escrevendo métodos, textos e exercícios, sem parar. Hoje em dia, conheço o amigo leal, sincero e companheiro de todos os momentos. Uma pessoa daquelas que nossos pais chamariam de 'um grande homem'."

ULISSES ROCHA

"Mozart Mello tem forte personalidade musical, tanto como guitarrista como compositor. Apesar de se inspirar em vários estilos, sempre traduz o que toca para o seu próprio estilo, e é isso o que nos transmite. Por causa de seu talento e dedicação ao instrumento, passamos a admirar nomes nacionais e não apenas reverenciar os estrangeiros. Hoje, temos um pólo forte de guitarristas profissionais que fazem o Brasil ter representatividade internacional. Mozart Mello é um dos pais dessa geração."

RAFAEL BITTENCOURT

Lição Especial

***MOZART MELLO** CONCEDEU UMA LIÇÃO EXCLUSIVA A GUITAR PLAYER. CONFIRA!*

Padrão básico para tipo 1

Padrão básico para tipo 2

Padrão básico para tipo 3

Padrão básico para tipo 4

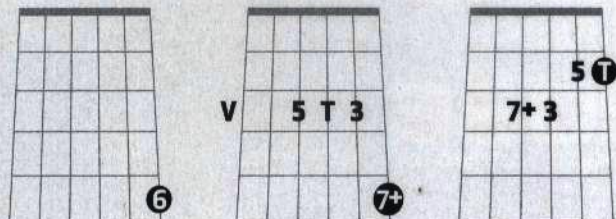
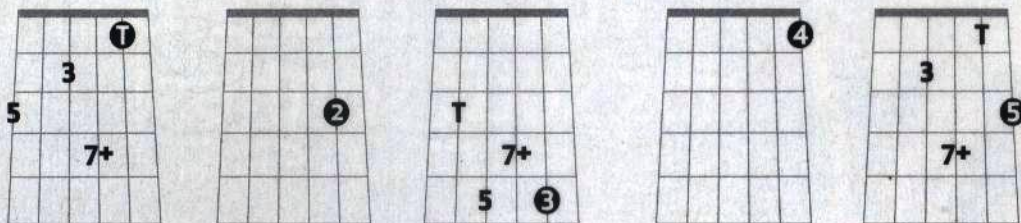
Padrão básico para tipo 5

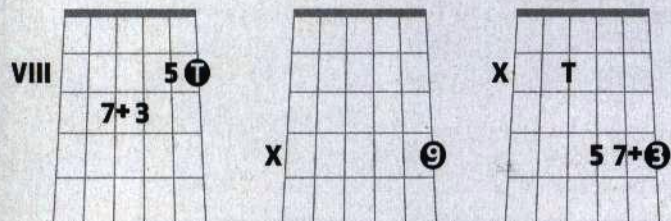
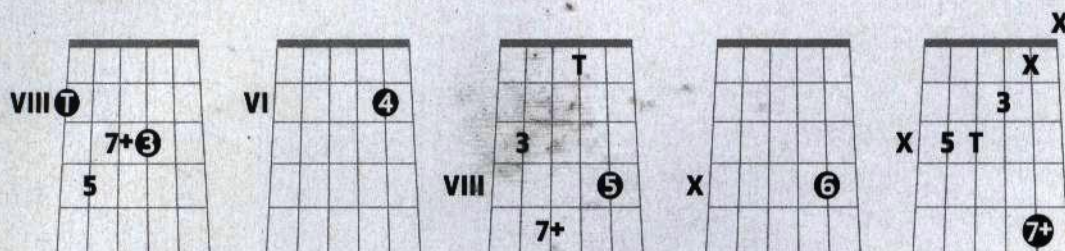
Padrão básico para tipo 6

Padrão básico para tipo 7 com aproximações cromáticaa

Padrão básico para tipo 8 com aproximações cromáticas

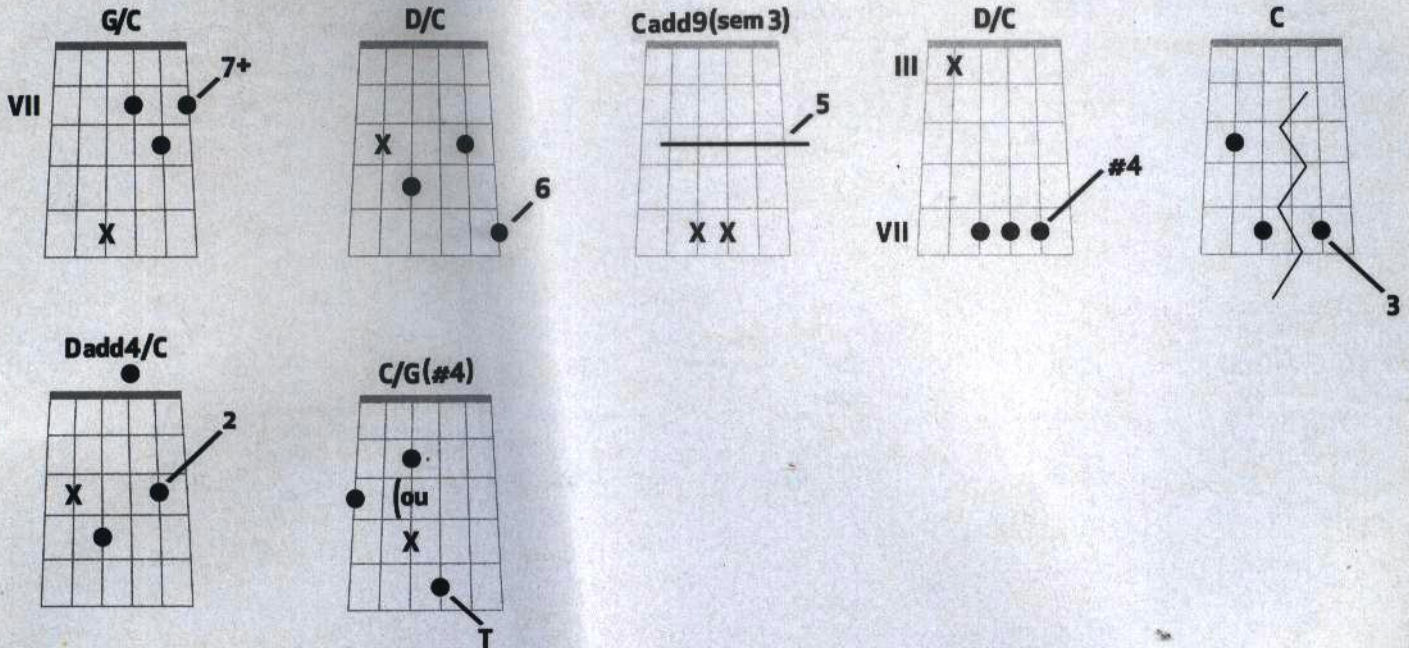
Agora, será preciso adaptar os tipos/padrões para:
C7 (T, 3, 5, 7)
Cm7 (T, 3*b*, 5, 7)
***Cø*(T, 3*b*, 5*b*, 7)**
Cm7+ (T, 3*b*, 5, 7+)
C7+ (T, 3#, 5, 7+)
***C°* (T, 3*b*, 5*b*, 6 e/ou 7)**

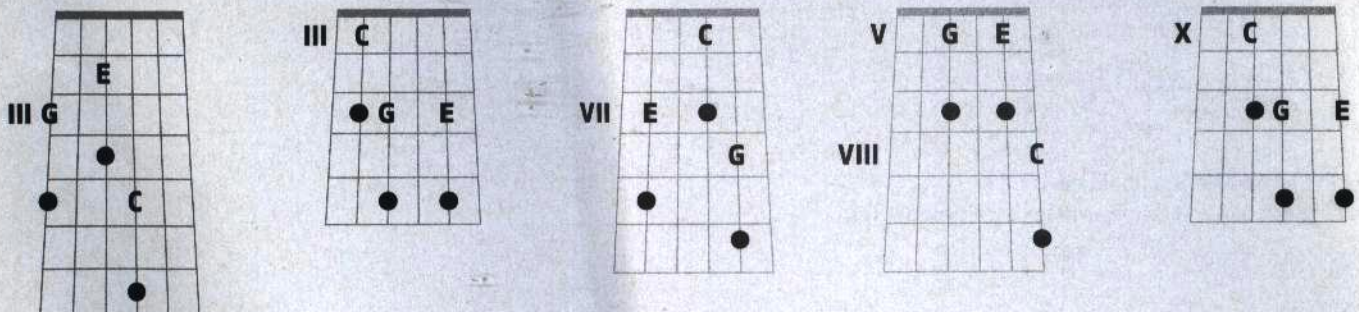
Ex. 2 **Harmonizando escalas/modos.**
Região: modelo C

*** Agora você harmoniza a ❷ (ré), ❹ (fá), ❻ (lá)... Dm!!!**

Região: modelo E

*** Agora faça C7, Cm7, Cº etc.**

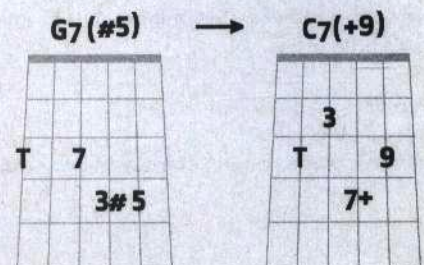
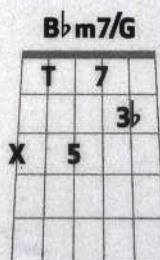
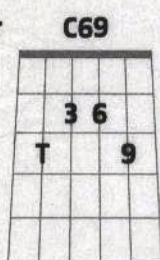
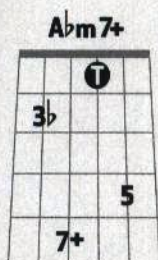
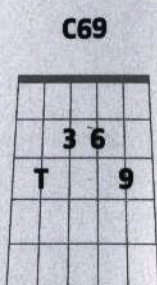
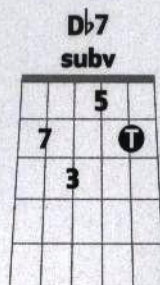
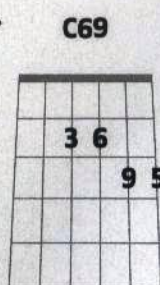
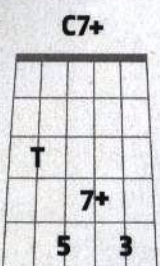
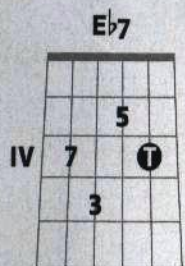
Observações:

1 - Execute a sequência (modo jônio) acima nos dois modelos.
2 - Repita adicionando tríades/acordes *Dm* no 2 (*D*), 4 (*F*), 6 (*A*).
3 - Experimente agora o *C* lídio (T, 2, 3, 4#, 5, 6, 7+).
Perceba que 2 (*D*), 4# (*F#*), 6 (*A*) agora é o *D*.
4 - Agora, mudando as funções:
***C7+* para *C7* (T, 2, 3, 4, 5, 6, 7)**
***C7* para *Cm7* (T, 2, 3*b*, 4, 5, 6, 7)**
***Cm7* para *Cø* (T, 2*b*, 3*b*, 4, 5*b*, 6*b*, 7)**
5 - Sugestão: harmonize os 2, 4 e 6 com qualquer acorde do campo harmônico envolvido.
Ex.: *C7+, Dm7, Em7, F7+, G7, Am7* e *Bø*
(2) *D - Dm7, Em7, G7* e *Bø*
(4) *F - Dm7, F7+, G7* e *Bø*
(6) *A - Dm7, F7+, Am7* e *Bø*

Ex. 6 **Os maravilhosos lídios. Sobre um modo C lídio/rock harmonizado.**

Observação: C lídio – T (C), 2 (D), 3 (E), 4# (F#), 5 (G), 6 (A), 7+ (B)

- Execute as tríades de C e D abaixo:

Ex. 7 **- O acorde *G7alt* possui T-3-7 e pode ter ainda 5alt (*5b/5#*) e 9alt (*9b/9#*)**
- Ele é referência em dominantes (V7), ou seja, *G7alt* pode resolver em *C7+*, *C7*, *Cm7*, principalmente em bossa nova, MPB, jazz...

- O campo harmônico de *G7alt* é o *Abm* melódico.
***G7alt* pertence a *Abm7+*, *Bbm7*, *Cb(B)7+(#5)*, *Db7*, *Eb7*, *Fø* [*G7alt*]**

- Vamos fazer todos ajudarem a resolver em um *C7+*, no lugar do velho e "surrado":

- Utilize

Observação: muitos só utilizam o *Db7* (sub-V)!

- Você já percebeu as possibilidades!
- Não se esqueça de treinar os arpejos correspondentes.

Ex. 8 Reflexão: o Big Bang

Há cerca de 13 bilhões de anos, uma explosão – o Big Bang – gerou o universo. O universo continua se expandindo e, portanto, as galáxias estão se afastando. Uma galáxia pode ter de 1 bilhão a 100 bilhões de estrelas. O universo tem aproximadamente 15 bilhões de anos-luz (1 ano-luz = 9 trilhões e 500 bilhões de quilômetros). O universo tem cerca de 3 bilhões de galáxias brilhantes.

Perguntas:
- E antes do Big Bang?
- Você tem certeza de que sabe alguma coisa sobre música?